

**JOSÉ MARIA ALVES**

**HISTÓRIAS DE NASRUDIN  
VOLUME I**

**WWW.HOMEOESP.ORG**

De Nasrudin pouco ou nada se sabe. No entanto, dele resta o mais importante: o seu ensinamento.

Há quem afirme que o Mullá – *Khawajah Nasr Al-Din* – terá vivido numa cidadezinha da Turquia, onde nasceu por volta do século XIII. Escreveu e contou histórias onde ele era o próprio personagem principal.

Sábio sufi de quem se desconhece ou pelo menos se duvida, do país de origem, do local onde viveu e quando, se é que efectivamente existiu, tem ensinamentos nas suas histórias que podem praticamente ser qualificados como mundiais.

O Mullá não se ri apenas dos outros. Ri-se de si e dos outros. Faz-nos rir de nós mesmos.

Pode alguma coisa ser séria, caso ninguém se ria dela ou a ridicularize?

As suas histórias podem parecer superficiais e anedóticas, mas que se acautelem os mais incautos: sabedoria não é sinónimo de austeridade e circunspecção. Têm e devem ser lidas nos seus diversos níveis de profundidade.

Ler Nasrudin, é penetrar no Sufismo, na sua essência. A cada leitura, a cada aprofundamento da mensagem contida nas histórias, algo acontece, algo se transforma, e esse algo, que somos nós, sem que o saibamos estaremos certamente mais próximos do misticismo.

Desde tempos imemoriais que o homem usa conscientemente as histórias para provocar uma doutrinação superior, uma aproximação à *libertação*.

Estas, para não perderem a sua eficácia, não podem ser lidas como simples motivo de entretenimento. Necessitamos de mergulhar nas suas profundezas.

Por outro lado, quando as adaptamos, não podemos desvirtuar a sua essência sob pena de alteração irreversível dos fins prosseguidos.

Com as *Histórias De Nasrudin* iniciamos um conjunto de pequenas obras que almejam a ampliação da consciência, com o inerente aumento da capacidade criativa e “mística”.

As histórias foram adaptadas – *um vício meu* –, mas mantêm na íntegra a sua intencionalidade.

Que vos dêem o mesmo prazer e benefício que delas eu próprio alcancei.

José Maria Alves

**AGOSTO DE 2007**

Nasrudin, na praça do mercado  
Dirigiu-se à multidão:  
“Povo deste lugar.  
Minha boa gente  
Que sempre trago no coração.  
Quereis conhecimento sem dificuldade?  
Verdade sem réstia de falsidade?  
Realização sem esforço?  
Progresso sem sacrifício?”

O número de pessoas era cada vez maior  
E todos bradavam  
Do mais velho ao mais moço:  
“Queremos, queremos!”

No meio de todo o entusiasmo,  
De toda aquela gente,  
Disse o Mullá:  
“Excelente.  
Apenas o queria saber para bem entender.  
Confiem em mim  
Como em vossos pais confiastes e confiais.  
Porfiai que tudo a respeito vos contarei  
Caso algum dia  
Descubra algo assim.”

Um aluno do Mullá perguntou:  
“Qual o maior empreendimento:  
O do homem que conquistou um império,  
O do que o poderia ter feito mas não o fez,  
Ou daquele que evitou que outro o fizesse?”

“Disso nada sei”, respondeu Nasrudin.

“Mas há um empreendimento  
Bem mais árduo e dificultoso  
Que qualquer desses.”

“Qual é?”,olveu o discípulo.  
“Ensiná-lo a ver a realidade tal qual ela é.”

Quiseram os moradores da aldeia embaraçar Nasrudin  
Por ser considerado uma espécie pouco ortodoxa de santo,  
Rogando-lhe que fizesse um sermão na mesquita.  
Nasrudin anuiu.

No dia marcado subiu ao púlpito  
E disse:  
“Bom povo, fiéis, sabeis vós o que vou dizer?”  
“Desconhecemos”, responderam.  
“Se não sabem, então falar não poderei.  
Sois uma corja de ignorantes.  
Não perderei mais tempo convosco.”  
Regressou de imediato a casa, indignado.

Vexados, volveram uma vez mais a Nasrudin  
Pedindo-lhe que fizesse um novo sermão.  
Nasrudin compareceu e questionou-os:  
“”Bom povo, fiéis, sabeis vós o que vos vou dizer?”  
De conluio responderam em uníssono:  
“Sabemos, falai.”  
“Nesse caso, não estais aqui a fazer nada.  
Ide para casa, que outras ocupações vos aguardam.”

Mais uma vez, solicitaram nova pregação.  
Nasrudin perguntou:  
“Sabeis ou não o que vos vou dizer?!”  
De novo combinados, responderam:  
“Uns sabem,  
Outros não.”  
“Bom, assim sendo,  
Os que sabem ensinam os que não sabem.”  
De imediato desceu do púlpito.

Um aldeão aproximou-se de Nasrudin  
Com uma expressão de dor, dizendo:  
“Tenho dores de morte no olho.  
Que faço?”  
Nasrudin colocou a mão no queixo,  
Franziu o sobrolho e disse:  
“Há dias que o meu molar me doía,  
Uma dor infernal.  
Não me acalmei  
Enquanto o não arranquei.”

Certo dia  
Perguntaram ao Mullá:  
“Quando amanhece  
Cada um vai para seu lado:  
Uns para cá  
Outros para lá,  
Porque será?  
Uns para a eira  
Outros para a fábrica  
Outros para a baía  
E alguns para a estação.”

Respondeu:  
“Se todos fossem na mesma direcção,  
Certamente,  
O mundo desequilibrava-se,  
Tropeçava  
E caía.”



A escola de Nasrudin estava em chamas.  
Sentado debaixo de uma árvore via-a arder.  
Passou um motorista da aldeia.  
“Professor, a escola está em chamas!”  
“Eu sei.”  
“E nada faz?”  
“Não estou a fazer?”  
“O quê?!”  
“Desde que começou o incêndio  
Rezo para chover.”

“É verdade Mullá que tem vinagre de quarenta anos?

Ouvi dizer.”

“É.”

“Dá-me um pouco?”

“Nem pense.

Poderia o vinagre quarenta anos ter

Se eu o andasse por aí a oferecer?”

Um Emir serviu lauto banquete  
Para o qual todos convidou.  
Nasrudin, assim que soube  
Não se fez esperar.  
Com seu manto esfarrapado  
Correu para o palácio  
Onde o mestre de cerimónias  
O sentou junto de mendigos,  
No pior lugar,  
Afastado de grandes celebridades  
E das melhores mordomias.  
Muito tempo demoraria até que fosse servido.  
Melhor seria a casa retornar,  
Vestir roupa a preceito,  
Besuntar-se com água de cheiro.  
Assim pensou, assim fez.

Vestiu um manto resplandecente  
E magnífico turbante colocou.  
Chegado ao palácio  
Rufaram tambores e soaram trombetas  
A condizer com tamanha personalidade.  
O camareiro real conduziu-o para lugar  
Na mesa principal ao lado do próprio Emir  
E de farta comida foi servido.  
Nasrudin apanhava alimento com as mãos  
Esfregando-o no manto e no turbante.

Tais modos estranhou o Emir:  
“Eminência, Senhor, estou curioso.  
Seus costumes são uma novidade para mim.”  
“Enfim, é justo e normal”, respondeu Nasrudin,  
“Se o manto e o turbante me fizeram aqui chegar  
Não merecem assim, perante tal arte e engenho  
A sua parte?”

O Mullá, de cócoras  
Esgravatava no chão  
Em frente de sua casa.  
Buscava algo que não lograva encontrar.  
Um vizinho questionou-o:  
“Que buscas tu?”  
“A minha chave, bom homem”, respondeu.

Os dois ajoelhados vasculham:  
Terra, poeira, pedra,  
Da porta à soleira  
E metade do caminho percorrem,  
Mas nada.

Cansado de tanto remexer  
Com todos os dedos a doer  
E alguns dormentes, disse o ajudante:  
“Mas, raio, onde perdeste tu a chave?”  
“Na minha casa, não sei onde a pus.”  
“Então, porque a procuramos aqui e não lá?”  
“Não vês vizinho?  
Aqui há mais luz.”

Eis um estrondo  
Nos fundos da casa.  
“Que se passa?”  
Sai a mulher de Nasrudin correndo.  
Dirige-se para o quarto.

Diz o Mullá:  
“Que espanto mulher.  
Estou aqui, não estou lá.  
Desnecessária preocupação.  
Foi tão somente meu manto  
Que caiu no chão.”

“Por amor de Deus Nasrudin  
Como fez tanto barulho assim?”  
“Tem razão.  
Eu estava dentro dele.”

Com constância  
Atravessava Nasrudin  
A fronteira entre a Pérsia  
E a Grécia.  
Montado num jumento  
Ladeando a besta  
Dois cestos cheios de palha.  
Voltava sem nada e a pé.

Sempre que ia,  
Procurava contrabando  
Ora a Guarda Fiscal,  
Ora a polícia do local.  
Mas nada...  
“O que é que transportas Nasrudin?”  
“Sou contrabandista”, respondia a sorrir.

Passaram anos, Nasrudin próspero  
Encontrou no Egipto um dos guardas da fronteira.  
“Diz-me agora Mullá  
Longe da Grécia e da Pérsia  
Sem que preso possas ser.  
Que mercadoria transportavas?  
Nunca conseguimos perceber.”  
“Burros”, respondeu a rir.

O pai de Nasrudin aconselhava-o:

“Levante-se cedo de manhã.

Deitar cedo e cedo erguer

Dá saúde e faz crescer.”

“Porquê meu pai?”

“É um bom hábito

E bom conselho.

Olhe, certo dia

Levantei-me eu ainda o sol não nascera

E para meu espanto

Deparei-me com uma bolsa cheia de moedas,

Ouro do bom, ouro de lei.”

“Mas, meu pai,

Não a terão perdido na noite anterior?”

“Não meu filho, não estava lá.

Eu bem reparei.”

“Então nem sempre será de tino ou siso

Cedo erguer.

É porventura gratuito penhor.

Quem a bolsa perdeu e liso ficou

Levantou-se mais cedo que o Senhor.”

Com fome de dois dias  
Entrou Nasrudin num café.  
Esperou a sua vez  
E logo que servido  
Começou a comer com as mãos.

Passou um vizinho  
Que o questionou:  
“Porque come com as duas mãos, Mullá?”  
“Porque três não tenho.”



“Porque é que nunca se casou, Nasrudin?”

“Toda a minha juventude busquei mulher perfeita.

No Cairo encontrei linda moça,

Inteligente, mas pouco delicada e descuidada.

Em Bagdá, mulher de alma generosa,

Mas não comungava de minhas motivações.

Conheci muitas mulheres:

Ou se excediam em virtude ou defeito,

Algumas meras ilusões.

Um dia conheci o ser imaculável,

Bela, educada, generosa e afável.

Tudo tínhamos em comum

E os dois parecíamos um

Na vida e no leito.”

“Então porque não a desposou?”

“Estava à procura do homem perfeito.”

Nasrudin desejava ardentemente um burrico  
Que o auxiliasse nas suas árduas tarefas.  
Sem meios para o adquirir  
Orou insistentemente para que Deus o ajudasse.  
Decorrido algum tempo,  
Deparou-se com um homem montado num burro  
Com um outro burrico pequeno atrás.

Quando passava por Nasrudin, disse:  
“Vergonhoso.  
Eu, meu burro e burrico estamos esgotados  
E o senhor completamente descansado  
Nesse lazer, sem nada fazer.”  
Nisto, ameaçou-o com a espada  
Obrigando-o a carregar o burrico às costas,  
Transportando-o para a cidade mais próxima.

Caminharam por várias horas  
Sem que Nasrudin exausto  
Por medo se manifestasse.

Chegados ao destino,  
Descarregado o fardo  
Seguiu o homem sua carreira.  
O Mullá ergueu os olhos ao céu e disse:  
“Que assim seja Senhor.  
Aprendi a lição com enorme suadeira.  
De hoje em diante mais específico e concreto serei  
Quando oração vos fizer.”

“Eu vejo no escuro  
Como os pássaros da noite”,  
Elogiava-se Nasrudin.

“Se assim é, como afirmas,  
Porque é que pelas ruas  
Por vezes te vejo  
Transportando lamparina?”  
“Tento evitar  
Que outros em mim esbarrem.”

Entrou Nasrudin numa loja  
Para comprar umas calças.  
Bem vistas as coisas  
Mudou de opinião  
Tendo escolhido um manto.  
Pegou-o e saiu  
Da loja prazenteiramente.

“Nasrudin, esqueceu-se de pagar”, bradou o vendedor.  
“Espere, não precisa gritar.  
Não ficaram as calças  
Que custam o mesmo que o manto?”  
“Mas, também as não pagou...”  
“E deveria?  
Onde já se viu pagar  
O que não quero comprar?”

Nasrudin tinha boas novas para o Rei.  
Depois de grande dificuldade e paciência  
Conseguiu a almejada audiência.

O Rei agradecido disse:  
“Escolha Nasrudin a sua compensação.”  
“Cinquenta chicotadas.”  
Surpreso e abismado ordenou  
O cumprimento do peticionado.

Aplicadas vinte e cinco, o Mullá anunciou:  
“Alto lá! Tragam agora o meu parceiro.  
Que receba metade da promessa.”  
“Quem e porquê?”, perguntou sua Alteza.  
“O camareiro real.  
Permitiu ver-vos sob o juramento  
De que com ele dividiria metade  
Da recompensa.”

Um filósofo marcou  
Debate com Nasrudin.

À hora determinada  
Não o encontrou em casa.  
Furioso e num ímpeto,  
Com um pedaço de carvão  
Escreveu no portão:  
“Imbecil”.

O Mullá ao chegar  
Correu de imediato a casa do filósofo.  
“Mil desculpas pelo sucedido.  
Tal não volta a acontecer.  
Relembrei nosso compromisso  
Quando seu nome vi escrito  
No portal de meu quintal.”

Houve uma festa.  
Estavam presentes todos os discípulos do Mullá.  
Horas e horas a comer e beber,  
Conversando sobre a origem do Universo,  
O sentido da vida, o destino da humanidade.

O sol estava prestes a nascer  
E preparavam-se para voltar a casa.  
Em cima da mesa um prato de doces.  
Nasrudin obrigou-os a comer.  
Um recusou dizendo aos outros:  
“O Mestre experimenta-nos.  
Quer ter a certeza de que controlamos nossos desejos.”

Nasrudin ouviu.  
“Enganas-te.  
A melhor forma de controlar o desejo é satisfazê-lo.  
Prefiro os doces nos vossos estômagos  
Do que no vosso pensamento.  
Este deve ser usado para mais nobre intento.”

Nasrudin entrou na casa de chá.  
Olhou os presentes e exclamou:  
“A Lua é de maior utilidade que o Sol.”  
Interrogaram-se os ouvintes.  
Seria verdade tal asseveração?  
Até que o questionaram:  
“Porquê, Mullá?”  
“Ora, necessitamos de mais luz  
À noite que de dia.”



Andando no mercado  
Viu o Mullá vender pássaros  
Cada um por cem moedas.

“O meu”, pensou,  
Maior que todos esses  
Será muito mais valioso,  
Muito mais vale.

Eis que no dia seguinte  
Carregou ao mercado gorda galinha,  
Animal de grande estimação.  
Mas ninguém,  
Instado ou não  
Lhe ofereceu mais de cinco moedas.  
O Mullá furioso gritava  
Em tom indignado:  
“Isto é terrível, uma humilhação!  
Ontem os vossos pássaros  
Metade do meu  
Valiam dez vezes mais.”  
Nisto alguém replicou:  
“Nasrudin, eram papagaios,  
Pássaros que falam.  
Porque falam o valem  
E quanto mais falam, mais valem.”

“Idiotas, ignorantes, asnos,  
Valorizais os que falam  
E esqueceis os pensamentos maravilhosos do meu  
Que não incomoda com conversa fiada  
Nem horrorosos discursos.”

Nasrudin regalava-se sonhando  
Que alguém lhe estava dando  
Nove belas peças de ouro.

Pedi-lhe uma mais  
Para dez completar.

Nisto acordou  
E olhando a mão vazia  
Sem que visse moeda alguma  
Fechou os olhos e disse:  
“Tudo bem.  
Traz-me de novo o dinheiro,  
Que eu aceito nove.”

Nasrudin comprou um burro na feira.  
Um amigo deu-lhe instruções  
Quanto à quantidade de ração do quadrúpede.  
“Demais”, pensou.  
“Vou habituá-lo a cada vez menos comer.  
Diminuir a ração até que se acostume.”

Quando já quase nada comia  
Morreu o jumento.  
“Que lamento, que pena.  
Com um pouco mais de tempo  
Viveria concerteza  
Sem alimento.”

A chuva rolava dos céus  
Farta e copiosa  
Quando o santo Aga  
Corria para se abrigar.  
Nasrudin, vendo-o, vociferou:  
“Como ousas fugir desse modo  
Da graça de Deus,  
Do líquido divino dos céus?  
Tão devoto e cumpridor da lei  
E não entendes que chuva  
É benção sagrada  
Para a criação?!”  
Aga, não querendo perder  
A reputação de santidade  
Afirmou não ter de tal forma pensado.

Caminhou contrafeito, vagorosamente,  
E lentamente se ensopou.  
Como consequência do seu passo frouxo  
Com gravidade se constipou.  
Cinco dias de cama e três de recuperação  
Foi o custo de tal façanha  
E de à força tentar manter  
Imagem imaculada.

Algum tempo decorreu,  
Que sentado à sua janela  
Viu Nasrudin correndo  
Afugentado de chuva torrencial.  
Com transtorno e espanto o interpelou:  
“De que foges tu? Da benção divina?  
Como ousas renegar chuva abençoada?”  
“Tento não pisar algo de tão sagrado, Aga.”

Disse um homem:

“Que a vontade de Alá seja feita.”

“Sempre se faz

Em todo o momento,

Em qualquer situação”, respondeu Nasrudin.

“Como podes provar tal afirmação?”

“Simples e conveniente.

Se a vontade de Alá se não fizesse sempre,

Seguramente que a minha

Uma ou outra vez se faria.”

Um homem herdou grande fortuna,  
Mas num curto espaço de tempo  
Não lhe restou um único centavo.  
Sem saber o que fazer  
Queixou-se a Nasrudin:  
“Mullá, a minha situação é terrível.  
Não sei como sobreviver.  
Restar-me-á pedir esmola?  
Que faço?  
Que passo dar?  
Haverá remédio para tal maleita?”

Nasrudin reflectiu e respondeu:  
“Não se apoquente.  
Em breve esfumar-se-á sua aflição.”  
Já entusiasmado o pobre desgovernado,  
Agitado e impaciente, perguntou:  
“Como será meu bom Mestre?  
Voltarei a ter riqueza,  
As arcas cheias  
E amigos à minha mesa?”  
“Não, não, homem de Deus.  
Acostumar-te-ás à pobreza.”

Nasrudin carregou o burrico com trigo.  
Transportou-o ao moinho.  
Enquanto aguardava a moagem  
Sacava pedaços dos outros sacos  
E assim atestava os seus.

Ao vê-lo em furto flagrante  
Diz-lhe o moleiro:  
“Que é que estás tu a fazer, Nasrudin?”  
Com calma e indiferença respondeu:  
“Posso fazer o que bem me apetecer.  
Sou louco.”  
“Se assim é,  
Põe do teu trigo nos sacos dos outros.”  
“Sou apenas um louco.  
Se fizesse o que propões  
Seria doido varrido.”

Na praça da aldeia  
Recitava Nasrudin poesia,  
Concentrado e enlevado:  
“Ó minha amada  
O meu interior está tão repleto de ti  
Que tudo o que se apresenta à minha visão  
Pareces ser tu.”

Um jovem chistoso perguntou:  
“E se um imbecil ou tolo  
Se apresentar à tua visão?”  
Nasrudin continuou:  
“Pareces ser tu.”



Diz-nos Mullá:

“Qual a essência do destino,

Qual o seu significado?”

“Meras suposições...”

“Em que sentido?

Não entendo a sua afirmação.”

“Cada um supõe

Que tudo irá correr bem,

Mas não corre.

A isto chamamos azar.

Que tudo irá correr mal,

Mas não corre.

A isto chamamos sorte.

Supomos que algo irá acontecer

Ou que tal não acontecerá.

Mas não sabemos de verdade

O que a realidade nos trará.

Enfim, supomos que o futuro

É imprevisível e desconhecido.

Quando ocorre ser surpreendido

No meio de tanta suposição

Chama-lhe você destino.”

Nasrudin especulava:  
“As pessoas são como os animais.  
Fazem o que eles fazem  
Mas pensam que são diferentes.”  
“Não seja tolo.  
Se você tivesse razão  
Os coelhos escreveriam livros  
Tal qual gente”, disse um religioso.  
“Escreveriam sim, escreveriam  
Se de quando em vez  
Olvidassem o desejo urgente  
De comer cenouras.”

Meia-noite.

Nasrudin passeava-se pelas ruas

Sem direcção ou destino.

Um polícia questionou-o:

“Que fazes tu a esta hora?

É perigo vaguear só.”

“Perdi o sono e busco-o“, respondeu.

Perguntaram ao Mullá:  
“Pode um homem velho,  
Digamos de cem anos,  
Ter um filho?”  
“Pode.  
Desde que tenha a cumplicidade  
De uma jovem  
Com uns vinte anos.”

O Mullá vivia numa cidadezinha junto de um rio.  
Nas suas margens passeava com um copo de leite na mão.  
Olhou para o rio, olhou para o copo,  
Derramou o leite no seu leito  
E com um galho  
Começou a mexer as águas  
Em contínuo movimento circular.  
Passava o Presidente da Câmara  
Que depois de muito o observar  
Julgou estar Nasrudin louco.  
Mesmo assim, interrogou-o:  
“Que fazes Nasrudin há horas sem parar?”  
“Estou a fazer iogurte.”  
“Enlouqueceste homem?!”  
Mesmo que derrames cem mil litros  
Nunca farás iogurte.  
O rio é vasto e suas águas muitas.”  
Nasrudin olhou-o  
Com o seu jeito peculiar de indagar:  
“Já pensou se fosse possível?”

“Quantos anos tem, Mullá?”

“Quarenta.”

“Mas há dois anos

Quando lhe perguntei

Você também tinha quarenta.”

“Tem razão.

Sustento sempre o que digo,

Nunca me contradigo.”

“Mullá,  
De onde vem toda a sua sabedoria?”  
“Falando muito,  
Falando sempre.  
Digo o que me vem à cabeça.  
Quando a expressão dos ouvintes  
É de espanto e respeito  
Eu sei:  
Acertei.  
Anoto então mentalmente  
O que disse  
Nessa precisa ocasião.”

Um rei velho e despótico,  
Ignorante, quase anedótico,  
Afirmou peremptoriamente:  
“Se ninguém disser algo que me agrade  
Cortarei a cabeça de todos vós.”  
Nasrudin, como sempre  
Fez menção de se adiantar:  
“Alteza, nada façais  
Que eu algo farei que vos compraza.”  
“E que farás tu sandeu?”  
“Eu consigo ensinar um burro a ler.  
E a escrever também.”  
“É melhor que o faças  
Ou em vida ordenarei que te esfolem.”  
“Irei honrar a minha palavra.  
Mas tal tarefa ocupar-me-á dez anos.”  
“Eu tos concedo.”  
E nisto, retirou-se para os seus aposentos.  
De imediato os nobres da corte  
Envolveram Nasrudin com questões.  
“Como é que podes ensinar um asno a ler?  
Como ensinarás a escrever  
Quem nem mãos tem?  
A tua loucura levar-te-á a penitente morte.”  
“Calma, tende calma, ficai tranquilos”, disse Nasrudin.  
“Dormi sossegados, o mesmo farei.  
O rei tem setenta e cinco primaveras  
E eu com oitenta conto.  
Muito antes dos dez anos  
Outros factores e elementos  
Irão influir no aprendizado do jumento.”



Nasrudin passeava com um discípulo  
Quando pela primeira vez viu  
Fantástica paisagem reflectida  
Na superfície das águas calmas.  
Árvores de folhas multicolores,  
Flores de pétalas rosadas,  
Tons ocre da terra  
Salpicados pelo cinza das pedras  
E pelo azul do céu.  
“Maravilha das maravilhas”, disse.  
“Mas se ao menos, se pelo menos...”, continuou.  
“Se ao menos Mestre?!”, questionou o aluno.  
“Se ao menos não houvesse água no lago!”

Foi Nasrudin ao banho turco.  
Pela sua aparência,  
Deram-lhe os empregados  
Lenço velho e toalha desgastada.

Nasrudin nada disse  
Não esboçou qualquer reclamação  
E deixou choruda gratificação.

Decorrida uma semana voltou.  
Tratamento principesco, primoroso e cuidado.  
Quando saiu  
Parca gorjeta deixou.

“Mas, Senhor”, questionaram os empregados,  
“Porquê tão pobre presente  
Por serviço tão esmerado?”  
Nasrudin respondeu:  
“Esta gorjeta é a da passada semana  
E a dessa a de hoje.  
Consideremo-nos pois pagos.”

Um miúdo que transportava um ovo no bolso  
Encontrou o Mullá na rua do mercado.  
“Mullá quer adivinhar?”  
“O quê?”  
“O que é que eu tenho no bolso esquerdo?”  
“Como posso saber?!”  
Posso adivinhar mas não sou bruxo.  
Dá-me alguma indicação.”  
“Claro, Mullá.  
Tem a forma de ovo.  
É branco e amarelo por dentro.  
Casca por fora  
E parece de verdade um ovo.”  
“Já sei, já sei, por Alá”, respondeu entusiasmado o Mullá.  
“É um bolo.”

Nasrudin transportava consigo  
Antídoto contra mordedura de serpente.  
Estranhando-o um aldeão perguntou:  
“Para quê esse contraveneno?”  
“Sabe como é perigoso”, respondeu.  
“Peguei num pau  
E julguei tratar-se de uma cobra.”  
“Por amor de Alá,  
Um pau não o picaria nem morderia.”  
“Sim?!”  
E a serpente que agarrei  
Para me defender do galho?”

Nasrudin aguardava com paciência  
Na sala de espera do médico.  
Ia repetindo:  
“Espero estar muito doente...  
Espero estar muito doente.”  
Os outros pacientes já inquietos  
Olhavam-no intrigados.  
Nisto, surgiu o clínico.  
Nasrudin retornou:  
“Espero estar muito doente.”  
O médico não se conteve:  
“Porquê, qual o seu prazer nisso?”  
“Doutor, seria detestável  
Que alguém que tão mal se sinta  
De nada padeça.”

Nasrudin foi nomeado juiz.  
Apresentado o primeiro processo,  
Durante o julgamento  
O queixoso foi tão persuasivo  
Que o fez exclamar:  
“Parece-me que tem razão!”  
O velho escrivão  
Experiente e diligente,  
Com respeito e consideração  
Cochichou ao Mullá:  
“Excelência, por favor contenha-se.  
Ainda não ouvimos o arguido.”  
Ouvido este, tão persuasivo quanto o outro,  
Disse Nasrudin:  
“Penso que a razão está do seu lado!”  
O escrivão não se conteve:  
“Excelência, pode lá a razão a ambos assistir?!”  
“Parece-me que você tem razão”, respondeu o Mullá.

Nasrudin iniciou a construção de uma casa.  
Seus amigos, artistas, pedreiros, carpinteiros,  
Arquitectos e engenheiros,  
Todos o envolveram em conselhos.  
Todos lhe diziam exactamente o que fazer.  
Nasrudin, feliz, seguiu as instruções.  
Terminada a construção  
Com tudo se parecia menos com casa,  
Nada tinha a ver com uma habitação.  
“Curioso”, disse Nasrudin  
“Fiz com exactidão  
Tudo o que cada um  
Me disse para fazer.”

Nasrudin transportava dois cestos de uvas.  
Algumas crianças pediam-lhe um cacho.  
Deu um ou dois bagos a cada uma delas.  
“Como é avarento Nasrudin”, disseram.  
“Claro que não”, respondeu  
“Vocês são crianças tolas,  
provando uma já sabem como as outras são.”



Um iraniano iletrado  
Pedeu ao Mullá que lhe lesse uma carta.  
Nasrudin olhou-a  
E de imediato a rejeitou.  
“Pede a outro que o faça,  
Não sei persa.”  
O iraniano insistiu  
E Nasrudin confirmou:  
“Não sei persa.”  
“Como é possível?!”  
Com tal manto e tal turbante  
Poderá o senhor ser um verdadeiro ignorante?!  
Não conseguir ler uma simples carta?”  
Nasrudin risonho  
Tirou turbante e manto,  
Entregou-os ao iraniano.  
“Então sendeiro, leia-a você mesmo.”

Um filósofo caseiro  
Especulava no salão de chá:  
“Estranha esta humanidade.  
Insatisfeita e volúvel.  
Quando está frio reclama.  
Reclama do Verão e do Inverno.”  
Enquanto todos aquiesciam,  
Disse Nasrudin absorto e abstraído:  
“Ninguém reclama da Primavera.”

Nasrudin levava por vezes  
Viajantes e amigos no seu bote.  
Um professor universitário contratou-o.  
O Mullá transportava-o quando lhe perguntou:  
“Poderá o tempo agravar?  
Há possibilidade de temporal?”  
Nasrudin respondeu:  
“Não me pergunte nada sobre *isto*.”  
Perante tal resposta  
Volveu o erudito:  
“Nunca estudou gramática?”  
“Não.”  
“Então, desperdiçou metade da sua vida.”  
O Mullá manteve-se em silêncio.  
Mas, dos céus escurecidos soaram trovões,  
Elevaram-se as águas  
Com ondas a desfazerem-se em espuma.  
Não tardou que a embarcação metesse água.  
Aí o Mullá dirigiu-se ao Doutor:  
“Aprendeu a nadar?”  
“Não”, respondeu o pedante.  
“Bom, desperdiçou toda a sua vida.  
Estamos prestes a afundar.”

“Estive no deserto”, disse o Mullá.

“Aí fiz correr para valer

Uma tribo sanguinária.”

“Como é que conseguiu?”, perguntaram os presentes.

“Simples: corri, e eles atrás de mim”, respondeu Nasrudin.

No museu o guia ia explicando:

“Este sarcófago tem 5000 anos.”

Nasrudin corrigiu:

“Cinco mil e três anos, é o que tem.”

O guia ficou vexado e os turistas impressionados.

Noutro local:

“Este magnífico vaso tem 2000 anos.”

“Dois mil e três anos”, volveu Nasrudin.

“Por amor de Alá”, disse o guia,

“Como é que pode ser tão preciso?

Não sei quem o senhor é,

Mas ninguém pode ser tão exacto.”

“Simples e óbvio”, respondeu o Mullá,

“Estive aqui há três anos.

Nessa altura você dizia

Que o sarcófago tinha 5000 anos

E o vaso 2000.”

Nasrudin quedava agonizante.  
Pensava-se que iria morrer.  
Sua esposa chorava.  
Os discípulos estavam consternados.  
O Mullá aparentava calma imperturbável.  
Um dos presentes disse:  
“Como é possível que estejas tão calmo,  
Tu que te aprestas para deixar o mundo,  
Quando todos nós estamos atormentados?”  
Nasrudin sorriu e respondeu:  
“Estou certo que o Anjo da Morte  
Vendo vossas expressões e desespero  
Um de vós por erro levará,  
Deixando-me por cá uns anos mais.”

Nasrudin foi à consulta:

“Doutor, não me consigo lembrar de nada.

Nada mesmo.”

“Diga-me em que momento isso começou?”

“Isso, isso o quê?”

Nasrudin viajou para ver o mar.  
As ondas desfaziam-se na areia,  
Explodiam violentamente contra as rochas  
Desfazendo-se em alva espuma.  
O azul estendia-se ao céu do horizonte  
E tamanha vastidão  
Dominava um Nasrudin extasiado.  
À beira-mar, de joelhos, mãos em concha  
Provou a água que de imediato cuspiu.  
“Lindo, pois sim,  
Como é que coisa com tais pretensões,  
De tamanhas proporções  
Não é digna de se beber?!”



Nasrudin foi ao barbeiro  
Que o barbeou desajeitadamente.  
A cada navalhada novo golpe  
Onde aplicava sucessivamente  
Pedacos de algodão para estancar o sangue.  
Um dos lados do rosto estava cheio de algodão.  
Aprontava-se para iniciar o outro lado  
Quando o Mullá vendo-se ao espelho disse:  
“Obrigado irmão. Basta.  
Decidi cultivar num dos lados algodão  
E no outro cevada.”

Um rei incrédulo  
Tendo ouvido narrar os poderes místicos  
Do afamado Nasrudin, ameaçou-o:  
“Enforcar-te-ei num ápice  
Se não me demonstrares teu misticismo.”  
“Vejo coisas estranhas, meu rei.  
Aves douradas nos céus,  
Demónios nas profundezas da terra,  
Anjos cantando a glória de Alá.”  
“Como podes tu ver o que não vejo?  
Ver através da terra,  
Na lonjura do céu?!”  
“Medo, Majestade.  
Medo vos juro,  
É tudo o que necessito”, respondeu o Mullá.

“A verdade não é absoluta.  
Mas existem afirmações  
Que sabemos serem absolutamente falsas.”  
“Como assim, Nasrudin”, perguntou um ouvinte.  
“Deixa que te explique.  
No mercado, na passada semana  
Ouvi que eu estaria morto,  
Que seria finado.”

Nasrudin em visita à Índia  
Viu um homem vendendo  
O que pensou serem doces.  
Guloso, comprou inúmeros chiles.  
Logo que comeu o primeiro  
Lacrimaram os seus olhos  
E o rosto ficou avermelhado  
Por serem tão apimentados.  
No entanto não se susteve,  
Continuava a comer.

Um transeunte estupefacto comentou:  
“Ouça amigo, chiles só poucos se comem.”  
“Pensava que eram doces.”  
“Se já sabe o que são,  
Qual o motivo porque não pára?  
Veja como ardem e fazem doer.”  
Tossindo, soluçando, com lágrimas a escorrer,  
Disse:  
“Não vou deitar o meu dinheiro a perder.”

Um religioso disse:  
“O meu desapego é imenso.  
Nunca penso em mim, apenas nos outros,  
Nos meus irmãos.”  
Nasrudin afirmou:  
“E eu sou objectivo.  
Posso ver-me como outra pessoa.  
Assim, sou capaz de pensar em mim.”

Nasrudin desempregado,  
Pensando e aconselhando-se  
Decidiu abrir uma farmácia.  
Algo de grandioso a condizer  
Com o seu estatuto e intenção.  
Apetrechou o estabelecimento que adquiriu  
E no exterior pintou uma tabuleta  
Que de imediato tapou.  
Tudo preparado, distribuiu folhetos:  
“Inauguração amanhã às 9 horas”.  
Vieram as gentes da aldeia e das vizinhas.  
Na hora designada destapou o Mullá  
A placa da fachada:  
    “FARMÁCIA CÓSMICA E GALÁCTICA DE NASRUDIN”.  
Logo abaixo inscrito:  
    “INFLUENCIADA E HARMONIZADA COM INFLUÊNCIAS ESTELARES E  
    PLANETÁRIAS”.  
Fez óptimo negócio.  
Mas, ao anoitecer, um erudito disse-lhe:  
“Nasrudin é duvidoso o que apregoa...”  
“Não, quando o sol se levanta eu abro,  
Quando se põe a farmácia fecho.”

Alguém chegou esbaforido:

“Nasrudin, seu burrico desapareceu.”

“Graças a Alá que eu não estava em cima dele  
Senão teria desaparecido também.”

Numa tabuleta de sua casa, podia ler-se:

MULLÁ NASRUDIN – MESTRE NADADOR  
SALVAMENTOS – NATAÇÃO EM TODOS OS ESTILOS – ÁGUA DOCE – ÁGUA  
SALGADA

Um interessado foi visitá-lo.

“Mestre, quero aperfeiçoar-me,

Ser um bom nadador.

É verdade que faço mergulho,

Nado em todas as águas,

Mas falta-me perfeição.”

Nasrudin expôs o seu método:

“Um primeiro estágio custa 20 moedas.

Um segundo com custo de 10

E o último de apenas 5.”

“Certo, estou satisfeito”, respondeu o candidato,

“Voltarei para o último.

É o que me convém,”



Um amigo dirigiu-se a Nasrudin  
Pedindo-lhe o burro emprestado.  
“Desculpe irmão, já o emprestei.”  
Nisto, do estábulo chegou o zurrar do burrito.  
“Mullá, ouço o teu burrico...”  
Nasrudin fechou-lhe a porta na cara dizendo:  
“Ora, se um homem prefere acreditar  
Na palavra de um burro  
Em detrimento da minha  
Não merece empréstimo de coisa alguma.”

Nasrudin embrulhou um ovo num lenço  
E na praça do vilarejo juntou o povo.  
“Hoje vou pôr-vos à prova.  
Que todos concorram.  
Quem descobrir o que está dentro do lenço  
Recebe o ovo que está lá dentro.”  
O povinho começou por afirmar a sua ignorância,  
Ninguém se sentia capacitado para presságios, adivinhações.  
Volveu Nasrudin, em tom de auxílio:  
“O que está no lenço é amarelo no centro  
Tal como a gema.  
Centro envolvido por liquido de cor clara,  
Ambos dentro de frágil casca.  
Tem como símbolo a fertilidade.  
Evoca pássaros e seus ninhos.  
Alguém sabe?”  
Ninguém havia que num ovo não pensasse.  
Mas, resposta óbvia...  
Um místico não o faria.  
Talvez o Sol,  
Talvez uma energia,  
Um objecto mágico,  
Quem o diria?!  
Nasrudin questionou-os uma vez mais.  
Ninguém falou.

Alguém disse ao Mullá:

“Vou à cidade. Precisa de algo?”

“Preciso.”

“De quê, Nasrudin?”

“De um corte de cabelo.”

Nasrudin entrou na mesquita  
Com camisa demasiado curta.  
O fiel que o seguia  
Decidiu puxá-la,  
Ajeitando o desajeitado.  
Nasrudin puxou de seguida  
A do homem que se lhe seguia.  
Este questionou-o:  
“Que faz, homem?”  
“Não me pergunte.  
Pergunte ao que me precede.  
Não fui eu que comecei,  
Foi ele que começou.”

Nasrudin e um amigo  
Decidiram partilhar um copo de leite.  
“Beba primeiro Mullá.  
Tenho um pequeno pedaço de açúcar  
Que apenas dá para um de nós.”  
“Então coloque-o no copo,  
Beberei tão somente a minha metade”, disse Nasrudin.  
“Nem pensar.  
Este açúcar só adoçará metade.”  
Nasrudin foi ao balcão e voltou com um punhado de sal.  
“Meu amigo, sou então o primeiro a beber,  
Mas quero o meu leite com sal.”

Um discípulo perguntou a Nasrudin:  
“O que é a verdade?  
Em que consiste?  
Qual a sua essência?”  
“É algo de que nunca falei  
Nem falarei”, respondeu.

Nasrudin viu um vulto branco no jardim.  
Sorrateiramente empunhou o seu arco  
Atingindo-o com flecha certa.  
Saiu para ver e voltou lívido.  
A mulher questionou-o:  
“Que se passou?”  
“Foi por pouco.  
Imagine que acertei bem no coração  
Da camisa branca que estava a secar.  
Se eu estivesse nela, já teria morrido.”

Um religioso erudito estava muito doente.  
Tendo ouvido falar do misticismo do Mullá  
Decidiu aconselhar-se.  
“Nasrudin, ensine-me uma oração  
Que me auxilie a entrar no céu”, disse.  
“Certo, assim o farei.  
Diga:  
Meu Deus ajude-me.  
Satanás ajude-me.”  
Indignado com tal blasfêmia  
Exclamou o paciente:  
“Está completamente louco, Nasrudin!”  
“Claro que não.  
Um homem na sua posição,  
Com duas alternativas viáveis,  
Deve por todos os meios  
Fazer os possíveis e os impossíveis  
Para que qualquer uma delas o favoreça.”



Nasrudin bateu à porta de um vizinho.  
“Amigo, estou pedindo ajuda  
Para um desgraçado, bom homem  
Que não consegue pagar dívida antiga.”  
“Nobre atitude”, disse o vizinho  
E deu-lhe uma moeda de prata.  
“Já agora Mullá, diga-me quem é esse homem?”  
“Eu mesmo”, disse enquanto se afastava.  
Ainda não estava decorrido um mês  
O Mullá bateu à porta do mesmo vizinho.  
Este, precavido, disse:  
“Novamente por causa de dívida, presumo?”  
“Tem razão.”  
“Suponho que seja você o devedor.”  
“Desta vez não.”  
“Prezo em ouvi-lo e à acção.”  
Entregou uma moeda que Nasrudin guardou.  
“Antes de ir, diga-me,  
O que neste caso o fez pedir?”  
“Sou eu o credor.”

Nasrudin corria ofegante  
E no caminho encontrou um amigo:  
“Peço-te um favor.”  
“Claro Mullá, o que é?”  
“Vai até àquele poço,  
Caiu nele um homem.  
Vou procurar uma corda  
Diz-lhe que não vá embora  
Até que eu volte.”

Nasrudin passeava.  
Garotos atiravam-lhe pedras, escarnecendo-o.  
“Não façam isso, parem.  
Vou-lhes contar coisa que vos interessa.”  
“Tudo bem Mullá.  
Mas não se ponha com histórias e filosofias.”  
“Não. O Emir oferece hoje um banquete para todos.”  
Os miúdos correram para o palácio.  
Nasrudin coçou a cabeça  
E começou a imaginar magnífica e lauta refeição.  
Levantou o manto ligeiramente,  
Correndo atrás deles.  
“Será melhor ir para ver.  
Bem pode ser verdade.”

Nasrudin tinha um amigo  
Que caiu de um prédio alto.  
Sonhou estar no céu onde o encontrou.  
Perguntou-lhe:  
“Como foi amigo?”  
“O impacto foi horrível,  
Mas a viagem,  
Essa foi demais...”

Nasrudin quis aprender música.  
Procurou um professor e questionou-o:  
“Quais os seus honorários?”  
“Três moedas no primeiro mês.  
A partir daí, uma moeda por mês.”  
“Convém-me”, respondeu,  
“Começarei no segundo.”

O túmulo do Mullá  
Tinha uma porta enorme  
Com barras e cadeados de protecção.  
Ninguém deveria entrar sem ser pela porta.  
A última piada de Nasrudin foi:  
“O meu túmulo não deve ter paredes à volta.”  
Na lápide inscrito o ano de 386,  
Que traduzido por letras,  
Técnica usual em túmulos sufis,  
Expressa a palavra xuf,  
Que significa “fazer com que uma pessoa veja”.  
Talvez por isso,  
Durante séculos se considerou  
Que a poeira da sepultura  
Era cura poderosa nas maleitas dos olhos.

**WWW.HOMEOESP.ORG**